

CORREIO DO VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

MOÇAMBIQUE

O nosso presado collega, a *Provincia de Moçambique*, de que é proprietario o nosso conterraneo e amigo sr. João Antonio de Carvalho, reproduziu, num dos ultimos numeros, um brilhantissimo artigo do grande jornalista Antonio Ennes, de que registamos a seguir alguns trechos:

Antes de tudo devemos penetrar-nos d'uma verdade desagradavel ao nosso amor proprio e ao nosso amor patrio: precisamos de estrangeiros, de muitos estrangeiros de todas as raças e de todas as nacionalidades, para nos ajudarem a promover a prosperidade de Moçambique. Os recursos nacionaes não chegam para semelhante empreza e, que chegassem, teriam outras mais proximas e mais promptamente lucrativas a que se dedicarem de preferencia.

E esta commissão nada tem de humilhante nem de assustador. Nós proprios, portuguezes, quantos não descendemos de estranhas colonias de os fundadores e povoadores da nossa monarchia enxertaram no tronco nacional, sem por isso sermos menos portuguezes? No Brazil são mais os estrangeiros do que os cidadãos, e nem por isso periga a autonomia. Muitas colonias teem sido povoadas e engrandecidas por adventicios procedentes de todas as partes do mundo, sem se desapertarem os laços que as prendiam á metropole. Outras se teem emancipado, é certo, mas para essas emancipações quasi sempre concorreram mais os proprios filhos das metropoles do que os forasteiros, seus hospedes. Nem nós nem os hespanhoes podemos accusar-nos de ter preparado a emancipação das colonias da America do Sul deixando-as invadir por gentes de outras nacionalidades. Na insurreição das colonias da America do Norte contra a Gran-Bretanha, a maioria dos insurrectos eram certamente inglezes e descendentes de inglezes. Agora mesmo em possessões ultramarinas bem portuguezas, e até em districtos do reino, ouvem-se ás vezes gritos de separação e de independencia, que não sahem certamente de gargantas estrangeiras nem são inspirados por influencias de estrangeiros.

Mas ainda que fossem maio-

res, para a nossa soberania, os perigos presentes ou futuros da colonisação estrangeira, só poderíamos evital-os expondo-nos a outros, de cuja realidade já tivemos dolorosa experiencia: *o de se nos imporem como invasores os estrangeiros que repellirmos como hospedes, tal qual succede em Manica, e o de ficar o nosso lote da Africa oriental em tanto abandono e desaproveitamento que muitas das suas regiões possam considerar-se inoccupadas, não podendo as iniciativas particulares occupal-as por falta de segurança.* Os moveis da ambição colonial das grandes potencias, e mormente da Inglaterra, dão a estes perigos mais intensa gravidade do que a quantos possam derivar da accumulção de subditos d'essas potencias em territorios não regidos por ellas. *Essa ambição não é politica, é economica; não procura tanto soberanias como procura debouchés, saídas, para o excessos da população e da produção.* Não atenterá, portanto, contra alheias soberanias que não repellirem os emigrantes e os productos que ella proteger, antes lhes derem as indispensaveis condições de liberdade e de segurança, *assim como esses emigrantes e os seus interesses só se tornarão revolucionarios e conspiradores por insucesso, e só olharão para a côr da bandeira, a cuja sombra vivem, se ella lhes negar protecção.*

Mas os interesses estrangeiros, assim admittidos e protegidos, esmagarão ou excluirão os interesses portuguezes? Infelizmente, não podemos ter esse receio.

A provincia é bastante vasta para n'ella poderem espalhar-se, sem se acotovelarem, todas as colonisações, e a nacional precisa bem pouco espaço para mover os braços e fazer girar os capitães!

Ao menos por agora, quasi nada se pôde esperar d'ella, e nada se lhe deve sacrificar. Tambem não quero que seja sacrificada a quaesquer conveniencias a propria debil esperanza de que a emigração da metropole afflua algum dia a Moçambique, em condições de lhe aproveitar as riquezas naturaes; mas as atencões que ella merece aos poderes publicos não os obrigam a reservar-lhe a provincia inteira, deixada para isso em pouso. Tanto mais que é quasi certo que os nossos patricios só com o exemplo dos estrangeiros se anima-

rão a dirigir para lá as vistas e as actividades, e só acreditarão que o seu solo é rico quando virem estranhos enriquecidos por elle, visto como, desde que nos abandonou o genio das aventuras, só nos mettemos a caminhos já trilhados e só respigamos em campos ceifados.

Presentemente, a emigração nacional que procura Moçambique e a que para lá poderia ser encaminhada oficialmente, se não prejudica a metropole com a sua falta, tambem aproveita pouquissimo á provincia com o seu auxilio. Salvo raras excepções prestimosas, é e será, sempre, uma emigração de braços, desprovida do capital, que tão necessario é, e de energia e aptidões que o possam supprir. Compõe-se, principalmente, de individuos já vencidos no *struggle for life*, em quem as proprias innumeradas necessidades da civilisação não encontram prestimo.

Em 1891 vi desembarcar e acompanhei com a vista os centenaes de colonos que a metropole despejou para Moçambique por medida policial e economica, e o resultado da minha observação foi mandar pedir ao governo que não continuasse a remetter para lá semelhante gente. Os operarios, especialmente de construcções civis, encontram trabalho, e trabalho pago por salarios apparentemente elevados; duvido, porém que esses salarios, soffrendos descontos da carestia da vida, das doenças e das forçadas *chômages*, chegassem para encher pés de meia. Mas os operarios eram uma fracção minguada. A enorme maioria compunha-se de sujeitos sem utilidade e sem vocação para qualquer mister, acabados de estragar pela persuacão de que em Africa cava-se oiro com as unhas; não serviam para nada, mas ninguem lhes fallasse em ganhos de menos de 3\$000 ou 4\$000 reis por dia. E d'esses ambiciosos, os que não morreram a curto trecho de mingua e de molestia, ou não regressaram a Lisboa por esmola do governo poucos mezes depois de chegados, só tiveram recursos e iniciativa para venderem aguardente ou exercerem empregos publicos; se não são taberneiros, é quasi certo encontrar-os cingindo o terço da policia da Alfandega ou da policia civil. O commercio aproveitou pouquissimos, a agricultura nenhum. Nem elles a procuraram, nem ella os teria accitado.

E' verdade que esta emigração não era escolhida, e que nada se preparou para a receber e utilizar; mas tambem não creio que se possa contar com outra qualquer, nacional por melhor regulamentada que seja, para influir na prosperidade da provincia. A propria organisação de colonias agricolas, que tanto recomendam os relatorios e as dissertações dos africanistas de gabinete, alem de ser difficultada, quasi estorvada, pela falta de pessoal util, se não se me afigura que tenha a menor probabilidade de exito, e hei-de demonstral-o analyticamente em outra parte do meu relatorio.

Antonio Ennes

SECÇÃO LITTERARIA

MÃE . . .

Mãe—que adorme este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas ate o fio
Do meu pobre existir, meio partido . . .

Que me leve consigo, adormecido
Ao passar pelo sitio mais sombrio.
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido . . .

Eu dava o meu orgulho de homem—dava
Minha esteril sciencia, sem receio,
E em debil creancinha me tornava,

Descuidada, feliz, docil tambem,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe.

NA CAPELLA

Na capella, perdida entre a folhagem,
O Christo, lá no fundo agonizava . . .
Oh! como intimamente se casava
Com minha dôr a dôr d'aquella imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos roçou pela fronte, que escaaldava . . .
Igual traição, que o affecto mascarava,
Nos deu supplicio ás mãos da villanagem . . .

E agora, allí, em quanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, martyres do Fado,

Fitavamo-nos mudos—dôr igual!—
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual
Mais pallido, mais triste e mais cançado . . .

ANTHERO DO QUENTAL.

Notas perdidas

Dos jornaes:

«O sr. dr. Affonso Costa, ministro da justiça, de segunda-feira em deante, passará a trabalhar na sua secretaria ás 6 horas da manhã.»

Até quando? Naturalmente até ás 6 da tarde.

Que ponham aqui os olhos os operarios que reclamam as 8 horas de serviço por dia.

Assemblêa Nacional Constituinte

26.ª sessão—24 de julho

O sr. José d'Abreu, em negocio urgente, occupou-se da questão da Escola do Exercito, indicando para constituir a commissão de syndicança, os srs.: Alfredo de Magalhães, Ramada Curto, Achilles Gonçalves, Pereira Basto, Maia Pinto e Goulard de Medeiros.

O sr. dr. Alfredo de Magalhães declarou que extranhava que nella altura dos trabalhos parlamentares ainda não estejam eleitos os deputados pelas possessões. Protestou energicamente contra os processos eleitoraes postos em pratica pelo actual governador de Cabo Verde, para prejudicar a candidatura do sr. Marinha de Campos.

O sr. Lopes da Silva referiu-se, mais uma vez, á questão do azeite, dizendo que não comprehendia que os lavradores o estejam a vender no Algarve a 2\$600 o decalitro, ou seja a 260 reis o litro, e os revendedores êxijam 550 reis ao consumidor.

Na ordem do dia discutiu-se o projecto da constituição.

27.ª sessão—25 de Julho

O sr. João de Menezes occupou-se da proposta de lei sobre a nomeação dos syndicantes á Escola do Exercito.

O sr. Gomes Pimenta referese a um telegramma publicado pelo *Primeiro de Janeiro* a respeito da retirada do ministro inglez em Portugal.

Sobre o mesmo assumpto fallou o sr. Ministro dos Estrangeiros. Sá Pereira refere-se ao Credito Predial, extranhando que estejam pronunciados os empregados e despronunciados os directores.

Na ordem do dia, continuou-se na discussão do projecto da constituição, fallando, entre outros, os srs. Antonio Maria da Silva e Barbosa de Magalhães.

28.ª sessão—26 de Julho

O sr. Miranda do Valle occupou-se da hygiene na cidade de Lisboa.

Na occasião em que fallava entrou na sala o sr. ministro da Justiça que pela primeira vez assistia a uma sessão parlamentar depois de proclamada a Republica, sendo muito aclamado.

Fallou em seguida o sr. João Gonçalves sobre o actual regimen da Penitenciaria que classificou de intoleravel. Referiu-se especialmente ao grande numero de loucos que, todos os annos, sahem da Penitenciaria para os manicomios. Terminou por enviar para a meza um projecto de lei no qual o seu auctor dá o parecer de que deverá ser contado a todos os reclusos o tempo que estiverem doentes nos manicomios.

O sr. Joaquim Ribeiro mandou tambem para a meza um projecto de lei sobre os empregados publicos que nunca poderão ganhar annualmente quantin supe-

rior a 1.800.000 réis, seja qual for a sua categoria.

O sr. Theophilo Braga propoz que na acta se lançasse um voto de congratulação pela presença do sr. ministro da justiça que foi approvedo por unanimidade.

29.ª sessão—27 de julho

O sr. José Barbosa, em negocio urgente, apresentou um projecto de accumulacões de empregos publicos.

O sr. Sá Pereira chamou a attenção do sr. ministro dos Estrangeiros para o facto do sr. Lagoaça, representante de Portugal junto do Vaticano, ter assistido ás exequias por alma da rainha Maria Pia, mandadas celebrar pelo Papa na capella sixtina. Protesta contra a existencia junto da Santa Sé d'um representante de Portugal.

Responde-lhe o sr. ministro dos Estrangeiros que disse que a lei de separação não é, de modo algum, uma lei de ruptura com o catholicismo, mas sim uma lei de protecção e de pacificação. Acrescentou que a representação de Portugal no Vaticano mostra que o paiz não larga de mão os seus interesses catholicos que são immensos, tanto na metropole, como no oriente.

O sr. Francisco Luiz Tavares occupou-se do fabrico do Tabaco nos Açores e sobretudo da fiscalisação que sobre esse tabaco se faz em S. Miguel. Essa fiscalisação é vexatoria, porque os guarda-fiscas até ficam nas fabricas de noite.

Respondeu-lhe o sr. ministro das Finanças que declarou que daria todas as providencias que fôrem julgadas necessarias.

O sr. Costa Marques occupou-se dos conspiradores, declarando que lhe causava extranheza o facto da camara se occupar dos conspiradores que estão lá fóra e não dos que estão cá dentro, que são em bem maior numero.

Respondeu-lhe o sr. dr. Affonso Costa.

Na ordem do dia continuou-se na discussão do projecto da constituição.

30.ª sessão—28 de Julho

O sr. Lopes da Silva tratou da questão do preço dos generos, dizendo que o povo reclama, e com razão, que o protejam. Se não o attenderem, elle tem o direito de invadir os armazens dos detentores.

Respondeu-lhe o sr. Ministro do Fomento que disse ter pedido informações a varias entidades sobre o preço do azeite em Barcelona, Terragona e Genova, e podia garantir que esse azeite ficaria em Lisboa mais caro que o nacional. De resto, affirmou que em Portugal ha azeite que chegue para o consumo, faltando apenas descobrir onde elle está.

O sr. Victorino Guimarães propoz que se nomeie uma commissão encarregada de proceder á revisão dos vencimentos de todos os funcionarios, de qualquer ca-

tegoria, classe ou natureza que sejam.

Na ordem do dia, continuou-se na discussão por artigos do projecto da constituição, apresentando emendas e fallando, entre outros, os srs. Moura Pinto, Alexandre Braga, Afonso Costa e Pedro Martins.

NOTICIARIO

«Correio do Vouga»—Prevenimos os nossos obsequios assignantes de que este jornal, durante o mez d'agosto, será publicado á segunda feira. Esperamos que todos nos desculpem por esta alteracão temporaria.

—Por um descuido d'administracão, alguns nossos presados subscriptores não receberam o ultimo numero d'este jornal, que receberão juntamente com o numero d'hoje. Rogamos-lhes que nos desculpem.

Fallecimento—Falleceu, repentinamente, no dia 25 do corrente, a sr.ª Camilla da Cruz, viuva do nosso conterraneo sr. José Casimiro Dias de Figueiredo.

A extincta gosava de geraes sympathias, sendo, por isso, muito sentida a sua morte.

A toda a familia enluctada, as nossas sinceras condolencias.

Promoção—Foi promovido a tenente-coronel o nosso presado amigo e conterraneo sr. David Ferreira da Rocha que, entre nós, gosa de muita consideracão e viva sympathia, pelas suas excellentes qualidades de espirito e de character. Cumprimentamo-lo cordalmente.

Baptisado—No dia 23 do corrente, baptisou-se nesta freguezia uma creança do sexo masculino, filha do sr. Eduardo da Costa Santos e da sr.ª Jesuina dos Santos. Desejamos para o recém-nascido uma vida cheia de felicidades, e enviamos a seus paes muitos cumprimentos.

D'Além-mar—Recebemos, ultimamente, noticias do nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho Junior, residente em Pernambuco (Brazil).

Com um abraço, agradecemos as suas boas palavras, desejando-lhe muita saude e as maiores felicidades.

Festividade—Deve rea-

lisar-se aqui, no proximo domingo, 6 do corrente, a festividade da Senhora da Graça, que, a avaliar pelos annos anteriores, será muito concorrida. Segundo nos informam, assistirá, pelo menos, a philharmonica de Canellas.

Troupe dramatica—Foi no dia 23 dar um espectáculo a Ois da Ribeira a troupe dramatica da nossa terra, que representou o drama «Silvio Cigano», e as comedias «Dois néné» e «Casar por annuncio».

Como era de esperar os nossos briosos conterraneos que fazem parte da troupe foram muito bem recebidos em Ois da Ribeira e deixaram em todas as pessoas que assistiram ao espectáculo as melhores impressões, com o que nos regosijamos.

Sabão—O sr. Abel Joaquim Marques, que vive ha pouco tempo entre nós mas que já captou muitas sympathias pelas suas bellas qualidades, montou uma pequena fabrica para a preparacão do sabão, tendo feito varias experiencias, que, segundo nos informam, deram os melhores resultados. Considera-se, por isso, o sr. Abel Marques habilitado a vender sabão de todas as qualidades, por preços relativamente modicos. Fornece, gratuitamente, amostras a quem as desejar.

Porque confiamos na pessoa que se dignou dar-nos estas informações, não temos duvida, e pelo contrario, temos muito prazer, em aconselhar os nossos conterraneos a visitarem a referida fabrica. De resto, desejamos que o sr. Abel Marques dê por bem empregado o seu tempo e felicitemo-lo pela sua iniciativa.

Melhoramentos locais—Consta-nos que vão começar muito brevemente os trabalhos da reparação do rombo da margem esquerda do rio Vouga, no *Campo Velho*, onde já se encontra uma grande porção de pedra, no valor de mais de 150\$000 réis.

Mais nos consta que a Junta de Parochia vae mandar proceder á reparação dos caminhos do Campo.

Exames—Foram nomeados para presidir aos exames de instrucção primaria no Porto, os nossos amigos sr. Angelo Vidal e Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, respectivamente

colaborador e director d'este jornal. Porque têm serviço no Lyceu «Rodrigues de Freitas», da mesma cidade, talvez não possam aceitar.

Trechos selectos

Eça de Queiroz

(CONCLUSÃO)

Eça de Queiroz não foi, por isso, o escriptor que melhor escreveu em portuguez, se considerarmos que o seu estylo não teve a variedade, a sonoridade e a fancia tão proprias da nossa lingua; mas se consideramos que elle foi o que melhor *exprimiu* em portuguez, elle foi com certeza o que melhor escreveu, porque o escriptor que melhor escreve ainda é aquelle que mais exactamente exprime e o seu estylo ao mesmo tempo linear, pictural, plastico e acustico como nenhum outro—*exprimiui*.

Queiroz—eis o facto—foi pouco conhecido. D'ahi o ter sido tão pouco estudado. Ao contrario do que succedeu a Camillo, cuja existencia de chimericas aventuras decorreu no seio da sociedade portugueza do seu tempo e ao contacto dos seus interesses e das suas paixões, Eça de Queiroz expatriou-se e, consul no Norte America, consul na Havana, consul na Inglaterra, consul em França, tão longamente viveu ausente do seu paiz, que surprehende vel-o referir a vida portugueza, os typos, os costumes, os lares, as ruas, que só uma observação demorada daria direito a conhecer e que elle, afinal, tão sómente reconstituiu com os recursos seguros das suas admiraveis reminiscencias.

Por outro lado, a sua existencia, se foi a de um funcionario remoto, foi a de um temperamento exclusivamente votado ás occupações e ás preoccupações da arte, ao contrario de Camillo, o qual, no dizer tão exacto de Oliveira Martins, fez da vida um romance de cavallaria. Finda uma mocidade, da qual não ha noticia de ter sido excessivamente bulicosa, Eça de Queiroz casou, teve filhos, um lar feliz e tranquillo. Sobre Camillo escreveu o sr. Alberto Pimentel um livro que se intitula—*Os amores de Camillo*. Sobre Queiroz não creio que fosse possível fazer outro tanto. Pelo seu ardente espirito de combatividade, Camillo tornou-se quasi popular. Queiroz não o foi nunca, porque a popularidade só se obtém quando se entra em contacto com a multidão. Camillo tinha uma reputação de brigão. Ainda elle não escrevera o *Amor de perdicão* e já em todo o paiz se falava das suas botas altas, do seu chambrié e do seu revólver. As suas aventuras de rua e a sua desordem domestica contribuíram quasi tanto para a sua popularidade como os seus livros. Camillo, numa palavra, es-

teve na cadeia. Queiroz nunca esteve na cadeia, nunca brigou, nunca usou botas altas, nunca usou chambrié e nunca mostrou que trouxesse um revólver.

Ausente do seu paiz, afinal correspondia-se com elle. Essa correspondencia é a sua obra—é o *Primo Bazilio*, é o *Crime do padre Amaro*, é a *Reliquia*, é, finalmente, *A cidade e as serras*, em que elle, pela primeira vez, parece reconhecer-se saudoso e annunciar que volta.

Entretanto, o que se sabe d'elle é o que consta da sua obra. Da sua pessoa, dos seus habitos, do seu trajar, dos seus *tics*, pouco ou nada se sabe. Uma ou outra vez vem a Lisboa de fugida e então Queiroz é em Lisboa aquelle homem que passou um dia no Chiado. Chega e parte. Não vae aos theatros, não apparece nos cafés, não se encosta aos cunhaes dos estancos, não se demora a ler um jornal a uma esquina, numa manha de sol. Quando Lisboa, curiosa, procura conhecê-lo, já elle abalou e é vagamente de novo—Fradique Mendes.

Eu conheci Eça de Queiroz, no alegre e já remoto inverno de 89, em que elle veio a Lisboa reunir-se ao seu grupo de amigos, hoje lendarios, que a si proprios se intitulavam com bom humor—os *Vencidos da vida*, embora todos elles em conjunto e cada um de per si realizassem o triumpho.

Queiroz era então um vulto esguio e magro, onde baçamente brilhava o vidro de um monoculo.

Certamente, os que não o conheceram, tel-o-hão muitas vezes reconstituído, ora sob a pelissa de João da Ega e a sua *verve* funambulesca e tremenda, ora sob as frias, discretas, extramundanas apparencias de Fradique. Das minhas relações com elle não me veio nunca essa impressão, e Eça, apesar do seu gosto pela *toilette*, pareceu-me sempre menos o *Mephistopheles* dos *Maias* e o alto *dandy* da *Correspondencia*, do que uma natureza *bon enfant* e—phenomeno singular em um genio tão cosmopolita!—entranhadamente lusitano pelas inclinações, pelos appetites, pelos gostos, até pelas mesmas fraquezas.

Nesta convicção profundamente fiquei, quando mais tarde tive a boa fortuna de ouvir ler algumas das suas cartas particulares, que ainda um dia espero ver acrescentadas em *post-scriptum* á sua obra.

As naturezas litterarias vivem muito frequentemente fóra da humanidade e dos seus interesses. Em algumas d'essas cartas, Eça de Queiroz apparece tomando uma viva parte nelles. Por outro lado, a vida da arte parece embotar certos sentimentos humanos, como a solidariedade do individuo para o individuo, a piedade, a compaixão, a mesma amizade. Em outras d'essas cartas, Eça de Queiroz, grande artista, apparece verdadeiramente sob os aspectos de um—*bom homem*.

UMA RECITA

DO

«ROBERTO DO DIABO»

Cantava-se, nessa noite, o *Roberto do Diabo*.

Nunca na minha vida estive tão preocupado. Havendo sentido mil vezes o rabo do diabo zurzir-me invisivel, quiz ir conhecer na historia de Roberto o grande drama de alguma existencia levada do domonio, em que as contrariedades apresentassem mais espinhos do que tem de crinas a guedelha de Satanaz!... Julgava-o um homem crivado de credores, esse fatal Roberto! Um louco que empenhara a amante! Um

jogador que vendera a filha!... Um filho que apostara a mãe!... Antevia a contradança phantastica de mil illusões perdidas! mil esperanças quebradas! mil opprobrios! mil fatalidades! mil infernaes loucuras!...

«Salta, Roberto! Salta, para apanhares no ar o braço occulto que te surra! Aguenta, pobre infeliz, o encontro dos tolos e a pedrada dos vilões! Geme sorrindo! e morde-te de raiva! E' o diabo que te persegue! que te belisca! que te azoraga! Salta, Roberto! Salta, desgraçado!...

Ergueram o panno. Estava-se no Lido, em frente do porto de Palermo. Na praia em que Lord Byron passeava aquella tarde de outono em que uma das suas amantes, simples rapariga do povo, lhe sahira ao caminho e o agarrou pelas guelas, perdida de

ciumes de uma fidalga:—*Gran cane della Madona! E' questo il tempo d'andare al Lido.*

Roberto e Bertran, servidos por uma caterva de pagens e escudeiros, estão em banquete.

Bertran parece-me um velho libertino, um bragante licencioso, para quem o mundo é uma camara-optica sem significação! Elle faz-se passar aos olhos da sociedade por um habitante do sombrio imperio, que passeia pela terra em viagem de recreio. E' isto verdade? Não é isto verdade? Eu nada sei. Roberto é o fructo dos amores de Bertran com uma princeza da Normandia. O diabo, e seu filho! Os costumes dissolutos d'este gordo devasso principiavam a inventar no animo de Roberto tendencia para o jogo e para as orgias. Alice, porém, apparece alli,—a pura e innocente Alice!

—perseguida pelos pagens e agarrada pelos cavalleiros. Roberto reconhece n'ella uma menina da sua terra, e diz aos tafues:

—Esta donzella é minha visinha, e peço que nenhum de vós se atreva a dar-lhe beliscões, como estaes fazendo. Isso são coisas proprias á porta do Marrare, mas inconvenientes á dignidade da praia do Lido!

Alice, penhorada por esta fineza, resolve amal-o para lhe agradecer. Porém, Roberto, que em tendo uma gotta de vinho é a sinceridade em pessoa, confessa-lhe que o seu coração está dado a uma princeza. A donzella attribue este singularissimo acontecimento a conselhos do gordo libertino, e toma-lhe tal quezilia que até lhe observa similhanças com o diabo que está aos pés do S. Miguel da sua aldeia! Ber-

tran, charlatão de primeira qualidade, começa a dar-se ares infernaes, fazendo caretas satanicas e assustando a rapariga a ponto de a fazer fugir.

Principia aqui a grande luta do elemento do bem, e do mal. Roberto sente uma força, que o impelle para Alice,—emquanto Bertran emprega o seu poder para o segurar.

—Que fazemos nós esta tarde? pergunta-lhe Roberto como quem se enfastia.

—Vamos a Carriche!

—Mau tom! Isso é pessimo tom, amigo Bertran!

—Então, vamos jogar e perder os cabellos!...

—Isso agora sim! A' moda de Cintra!...

E Roberto joga. E perde sempre! E perde tudo!... Mas, Bertran,

Em uma d'ellas, recommenda a um dos seus amigos um moço inventor portuguez que vem de Paris a Lisboa occupar-se do seu invento, e não se invoca com mais fervor e mais bonhomia os sentimentos da amizade! Em outra, conta o caso de um estudante pensionista que se vê em apuros e pede ao Estado um socorro necessario—e nunca se pediu com mais simples, enternecidas, persuasivas palavras!

Quantas vezes nós todos não nos desobrigamos sem interesse dos compromissos da solidariedade e da amizade!—Nas cartas de Queiroz, a quem me estas referindo, sempre que o homem fala, o artista excepcionalmente esquece a sua arte, e o seu estylo, que já não serve para exprimir os artificios da imaginação, subitamente perturba-se, desmancha-se, desatase na desartificiosa linguagem do coração, como se, ante o interesse alheio, a magua alheia, a dor alheia, o espirito do escriptor, desorganizado, completamente perdesse a invulnerabilidade.

Reconheço que este Eça de Queiroz, inteiramente novo, me causou uma grande surpresa, não porque eu o julgasse um duvidoso ser moral, mas porque não é frequente encontrar em seres de uma tão absorbente structura artistica uma tão grande somma de bondade simples. Este novo Eça regosijou-me infinitamente, porque eu pude juntar á profunda admiração que já lhe dava, uma estima pessoal que, pelo facto de não ser retribuida, nem por isso é menor. Duplamente me regosijei, porque é sempre grato adornar os objectos do nosso culto com todos os attributos da belleza—assim os da intelligencia, como os da virtude.

JOÃO CHAGAS.

Abriu no dia 10 do corrente com extraordinaria concorrência publica, o Congresso Estadual. O probo governador do Estado, leu uma substanciosa mensagem, que vivamente impressionou agradavelmente o espirito publico.

Se tiver tempo, para a proxima carta, occupar-me-hei mais detalhadamente de tão importante documento.

Seguiu no vapor «Pará», com destino ao Rio de Janeiro onde vae buscar sua ex.^{ma} familia, o Dr. Vicente Reis, director e proprietario do «Jornal do Commercio».

Tem estado bastante incommodado de sua saude o nosso presado amigo sr. Luiz Gomes. Melhoras breves são os nossos desejos.

Nafragou, ultimamente, a lancha «Nova Isabel». No lamentavel sinistro pereceram 11 tripulantes entre os quaes o seu commandante. Ainda não se sabem os motivos que deram causa a tão funesto acontecimento.

Inquieta vive a população d'esta capital perante os alarmantes e descabellados boatos que circulam com uma intensidade assustadora de que no fim do mez, a mando do governo central, será deposto outra vez o actual governador.

Tal como ahi o boateiro fido e infame vive no seu elemento de tudo e todos inquietar. Não demorará muito tempo que em Portugal e Brazil, o Codigo Penal augmentará se é que já não existe, um artigo em que energicamente castigue esses parias cuja lingua viperina tentos desgostos causa aos espiritos fracos.

Manoel Vicente da Cruz (Zurc)

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Ainda se encontra doente o que muito sentimos, o nosso amigo e conterraneo sr. José Rodrigues Felizardo.

Délivrance

Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do nosso conterraneo sr. Lucio da Costa Santos.

Partidas e chegadas

Vinda de Mogofôres, encontra-se entre nós, a sr.^a Amalia Gomes de Lemos.

ABC illustrado

POR ANGELO VIDAL

diz-lhe que o oiro é uma chimera, e o innocente jogador contenta-se com este aphorismo, dá o brago a seu pae, e vão passear sem um real na bolsa.

II

—Esta opera é tetrica! disse-me no intervalo um homem que estava sentado ao meu lado.

—Hybridal!... accrescentou.

—Acephala!... repliquei-lhe.

Olhámo-nos um instante em silencio. Nenhum de nós sabia o que julgar do outro. Qual de nós dois caçoava? Elle parecia-me grave, excentrico, um pouco phantastico talvez. Era um homem pequenino e procerizado, que tinha a figura de um pequeno de doze annos, e a sisudez de um estadista de sessenta. Não tinha barba, nem sobranceiras.

Um chinó de cabellos extremamente loiros cobria-lhe a cabecinha, despoçada e nua como a palma da mão. Dir-se-ia uma velha, vestida d'homem nas folias carnavalescas.

Um amigo meu, que passava, chamou-me pelo meu nome todo: apertámo-nos mutuamente a mão; o homem pequenino abriu desafortadamente os olhos, e, medindo-me de alto a baixo, perguntou-me num tom de yoz flautado:

—E' porventura o senhor o folhetinista?

—Eu proprio, senhor! respondi.

—Muito prazer tenho em o conhecer!

—Terei muita alegria se lhe puder servir!

—A sua opinião sobre esta opera?

—Conheço apenas o primeiro acto, que me pareceu magnifico!

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Azurva, 27

Vindos de Lisboa, chegaram aqui os srs. João Simões da Rocha e Pedro Marques da Silva a quem tivemos o prazer de abraçar.

—Retiraram para o Porto, d'onde seguirão para Entre-os-Rios os nossos conterraneos e amigos srs. Manuel e Joaquim Marques Ribeiro, acompanhados de sua mana, a gentil menina Anna Rosa.

—Nos dias, 22, 23 e 24, festejou-se, com muito brilho, no visinho lugar de Taboeira, a Santa Maria Magdalena. Assistiu, durante os tres dias, a afamada charanga de Frossos, e no dia 22 e 23 as philarmonicas de S. João de Loure e Angeja que, na noite do arraial, tocaram até ás 3 horas da madrugada.

A charanga de Frossos, no dia 24, percorreu as ruas, acompanhada de muito povo, destacando-se no cortejo um individuo vestido de verde e vermelho, côres da bandeira nacional. A charanga executou por diversas vezes a *Portuguezza*, ouvindo-se então entusiasticos vivas á Republica.

Durantes estas manifestações, todas as pessoas se descobriam, negando-se a fazê-lo apenas um cavalheiro, que, por signal, é auctoridade da Terra.

—Falleceu aqui, no dia 26, a sr.^a Maria d'Oliveira, realisando-se o funeral no dia seguinte, ás 6 horas da manhã.

O cadaver foi conduzido na carreta funeraria, pertencente á Associação de Soccorros Mutuos.

A todos a familia enluctada envio sentidos pesames, especialmente aos srs. Manuel, Bernardino e Francisco d'Oliveira, filhos da extincta—C.

Troviscal, 28

No proximo passado dia 22 do corrente e com a assistencia do dignissimo Inspector Escolar de Anadia, sr. Albino Gonçalves d'Amorim, realisaram-se aqui, na escola do sexo masculino, de que é professor o sr. José d'Oliveira, os exames do 1.^o grau, com o seguinte resultado:

- Horacio dos Santos Ferreira
- Flavio dos Santos Pato
- Manuel Lourenço Novo
- Anthero Galla
- Silvino Carreto
- Manuel Motta—optimo
- David Philippe—bom
- Etelvina Vieira e Alexandrino Ferreira—optimo.

—De visita a sua familia, esteve hontem na Povoia do Forno, o sr. Manuel d'Oliveira e Santos, alumno de direito da universidade de Coimbra.

—**Boubo audacioso**—Na noite de 26 para 27 do corrente, entraram os gatunos no estabelecimento do sr. Joaquim da Silva Pires, do visinho lugar de Malhapão, por meio de um buraco que praticaram na parede da fachada da sua casa, levando-lhe dinheiro, tabaco, phosphoros, queijo, etc., etc.

As auctoridades já teem procedido a varias diligencias no sentido de encontrarem os larapios, não tendo, segundo me informam, ainda conseguido o seu fim—Gil.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos. Cada numero, 50 réis

—Tem uma qualidade apenas, replicou o homem pequenino, roendo as unhas.—A qualidade constante de Meyerbeer, que é dispôr, tão admiravelmente, dos recursos da arte, que a nossa alma sente pela instrumentação a differença de cada caracter. Veja como se reconhece o inferno à priori, em Bertran; o perfume mystico dos anjos, em Alice; a lucta da alma com a materia, do espirito do bem com o espirito do mal. A musica d'este allemão tem ideias; mas não deu grandeza senão ao mal. Porque? Alice, perseguida, parece ser a situação symbolica da innocencia neste mundo!

Deu-se o signal para continuar a opera. O homemsinho, que já tinha comido duas unhas, principiou a comer terceira.

Curiosidades

O obstruccionismo

Visto estar em moda combater o parlamentarismo e fazer-lhe guerra acintosa e até pouco leal, diremos que o systema de fallar muito e fazer pouco, foi sempre o lema de todos os parlamentos e senados, presentes e passados.

No senado da grande republica romana, no tempo em que as regalias e immunidades do povo, ainda não se fixavam de encontro á unidade do imperio, tambem por lá se fazia obstruccionismo!

Cicero abusou da tribuna. E comquanto prestasse importantes serviços á republica, não contribuiu pouco para a sua derrocada. Elle mesmo foi victima das suas incoherencias.

Demosthenes com a sua palavra fluente, com a sua rethorica inimitavel e com a sua argumentação irresistivel, não pouco, egualmente, comprometteu os interesses da republica, atheniense.

Nem senado fallou e fallou muito bem, contra Alexandre Magno, ao qual chamou rapazola e outros nomes esquisitos.

Irritou o fogoso macedonio, mas quando o viu ás portas de Athenas foi o primeiro a esconder-se.

Phocio, grande philosopho e contemporaneo de Demosthenes, quando fallava ao povo, dizia-lhe verdades e com aspreza o censurava.

Seguia um systema opposto ao de Demosthenes, que não tratava de corrigir-lhe os defeitos, mas sim de lisonjeal-o.

Ao povo, quando é soberano, não faltam adoladores. Conta-se o seguinte:

«Phocio fallava ao povo de Athenas, e dizia-lhe verdades nuas. Estigmatizava os vicios, que o arrastavam ao enervamento.

Demosthenes segredou-lhe aos ouvidos:

«Se continuas a fallar por essa fórma, o povo exaspera-se, enlouquece e mata-te».

A esta advertencia respondeu Phocio em voz alta:

«Tens fallado oh Demosthenes! O povo de Athenas matar-me-ha se enlouquecer, mas a ti, hade matar-te, quando principiar a ter juizo...»

Pinto d'Almeida.

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

III

Bertran é o typo do falso amigo. Perverte Roberto por maus conselhos e maus exemplos. Recolhem-se tarde todas as noites, leva a sitios de má companhia, e escolhe para as suas conversações os assumptos mais despejados. Uma vez, como não tenham onde passar a noite, apresentam-se num convento... de freiras mortas, e, por artes diabolicas, fazem-as dançar! Como se comprehende isto? Porque é que isto se tolera? Ignoro. Sei apenas que Bertran, vivendo habituado a taes extravagancias, teve o espirito de se prevenir com o seu capote para não se constipar, e apparece embuçado ao fundo, perturbando pela sua presença o repouso das aves da noite, que fogem assustadas.

—Eis-me,—diz então o pae Ber-

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

DA

Livraria Central de Gomes de Carvalho

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

Album das glorias: Homens de Estado, poetas, jornalistas, dramaturgos, actores, politicos-pintores, medicos, industriaes, typos, etc. Texto de João Rial, to e João Ribaia (Guilherme d'Azevedo e Ramalho Ortigão). Desenhos de Raphael Bordalo Pinheiro, lithographias de Justino Guedes. Tudo que publicou, 2\$500 réis.

(D'ocasião)

Amores novos. Versos por Henrique Trindade Coelho. 1 vol., 400 réis.

Amorosas. Dez contos, em prosa, de Rabelais (Alfredo Galles). 1 vol., 600 réis.

Anna Karénine, par Léon Tolstoi. Introduction par Emile Faguet, de l'Académie française. 2 vol. illustr., rel. 600 réis.

Breves noções do Espiritismo e dos seus principios e ensinios. Coordenadas e editadas pela Redacção da Revista Psychica «A Luz da Verdade». 1 vol., 250 réis.

Cancion de Cuna. Comedia en dos actos, por G. Martinez Sierra. 1 vol., 700 réis.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

tran, que tem o fraco de fallar só!—no convento d'estas irreligiosas, cuja balda, ao que se diz, era quem uns certos deuses um incenso impudico, fazendo reinar o prazer nestes logares, em que cumpria observar a virtude!

Principiam alguns pyrilampas a percorrer a galeria. As freiras mortas e enterradas, tão depressa lhes dá o faro de haver homem no convento, saltam dos seus tumulos, e querem conversa com Bertran; porém, o gordo demonio diz-lhes por esta forma:

—Reverendissimas! Desejo apresentar-lhes um amigo meu a quem estimo como ás meninas dos meus olhos, e espero que o seduzam vossos encantos, visto que o meu intento é perverte-lo, e pregar com elle em casa do diabo!

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 100 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—2300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarização, em fôrma clara e attrahentissima, de dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adelantado)

Portugal—anno	1\$200
—semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com. Int.

4.^o ANNO—N.^o 29